

MEMÓRIAS E SENSIBILIDADES, AS POÉTICAS DO CONTAR-SE: NARRATIVAS DE TRABALHADORES

Silvano Fidelis de Lira
Patrícia Cristina de Aragão

Universidade Federal da Paraíba
silvanohistoria@gmail.com

Resumo: O texto é um recorte de minha dissertação de mestrado, defendida em 2015 junto ao programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, nele apresento algumas considerações sobre os sentidos e as sensibilidades presentes nas narrativas dos trabalhadores dos campos de agave, no município de Cubati, interior paraibano, na segunda metade do século XX, através das narrativas orais, apresento questões relacionadas ao mundo do trabalho e as múltiplas significações construídas pelos trabalhadores.

Palavras-chave: Sensibilidades; Agave; Trabalho.

*“A vida não é a que a gente viveu e sim a que a gente recorda,
e como recorda para contá-la”.* (Gabriel Garcia Marques)

Antes de contar as histórias dos tempos do agave em Cubati, histórias narradas por pessoas comuns, simples, que tiveram em comum uma vida marcada pelo trabalho e muitas vezes pela pobreza, é preciso que eu descreva o cenário, o ambiente e a forma com que essas pessoas puderam narrar a si mesmas, narrar suas memórias, suas lembranças e até mesmo seus esquecimentos. O “*contar-se*”, a narrativa de si, é antes de tudo a construção da própria subjetividade, é um ato de criar-se.

Assim, compreendo que antes de ouvir o que essas pessoas dizem, ou melhor, de ler as interpretações que faço de suas narrativas, seja necessário apresentar como se dá minha própria relação como eles. Esse ponto é de extrema importância porque deixa clara a empatia existente entre aquele que fala (o colaborador da pesquisa) e aquele que ouve (o pesquisador). Particularmente, não acredito que em um trabalho que utilize a metodologia da História Oral e que fala de sensibilidades humanas, seja possível nomear, classificar o outro como “objeto de pesquisa”, são na verdade sujeitos que narram, e que criam percursos independentes, que não se deixam domar pela autoridade daquele que escreverá suas histórias, que transformará suas memórias em texto.

Classificar o sujeito como objeto seria reduzir a sua capacidade criativa e reduzir o seu papel dentro do texto, que é apenas o resultado final de uma pesquisa, seria reduzi-lo a uma coisa, manipulável, dobrável. Acredito que as pessoas que me narraram suas memórias, que abriram suas

casas para que eu adentrasse nelas e fizesse parte, pelo menos durante alguns minutos de sua vida, co-habitam este texto, cada linha, para capítulo está permeado de vida, de sentimentos, de memórias que muitas vezes estavam lá, e só foram revisitadas através da conversa que se seguiu, da curiosidade de pesquisador que muitas vezes olhava esses homens e mulheres como se os questionasse, como se quisesse decifrá-los.

A relação que se estabelece entre o colaborador e o pesquisador muitas vezes acaba por ser muito mais do que uma relação em torno de um tema de pesquisa, passa a ser uma relação de amizade. Isso se torna ainda mais forte quando envolve pessoas idosas, que muitas vezes vêm a si mesmas como produtos descartáveis, até mesmo para a própria família, essas pessoas acabam por ver no pesquisador alguém que reconhece seu valor, o valor de sua vida e de suas memórias, que lhes dá atenção em um mundo em que elas pouco importam, por esse motivo considero impossível, e até mesmo impossível essa abstração dos aspectos subjetivos e ideológicos, de que nos fala Chauveau e Tétard, ao pontuarem suas *questões para a história do presente*¹. Tudo isso é fruto de uma sociedade que tem desprezado as experiências na medida em que tem se cercado dos avanços da modernidade, disso já se queixava Walter Benjamin ao escrever dois de seus mais conhecidos textos, de fato, é cada vez mais raro encontrarmos narradores, e isso se dá não pela falta de experiências, mais pela falta de exercício da narrativa.



IMAGEM 1

Registro fotográfico do trabalho no motor de agave observa-se unicamente a presença masculina. Era também comum encontrar-se crianças envolvidas naquela atividade

Fonte: João Batista de Lima

¹“O historiador deve, pois, abstrair-se o mais completamente possível das interferências ideológicas e da subjetividade, estudando-as e procurando apreender verdadeiramente seu objeto além de uma acepção puramente histórica” (CHEAVEAU; TÉTARD, 1999, p, 36).

Os idosos, especificamente, ao serem convidados a contarem suas experiências parecem realizar uma missão, falam de fatos minuciosos, se esforçam ao máximo para recuperarem lembranças antigas, nomes, datas, lugares. “Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1994, p, 63). No caso das pessoas mais jovens, creio que não seja tão diferente, evidentemente, que os sentidos da narrativa e o desejo de ser ouvido é diferente. Na medida em que são procuradas para contar suas memórias essas pessoas já começam a se moldar narrativamente, assumem posturas que façam com que sua narrativa seja digna de crédito, realizam um esforço para moldar uma narrativa que seja compreensível e o mais semelhante possível com o passado. Há, na narrativa, desejos de verdade.

Ora, o narrador tem também um desejo de verdade. Ele quer que aquilo que ele fala seja entendido como um relato, mais confiável possível do passado. Quebra-se neste ponto a ideia de que o narrador é um sujeito passivo. Em todo momento em que ele tece sua narrativa, o que ele está fazendo é estabelecendo uma relação de autoridade sobre o passado, o que ele lembra, e como lembra, depende antes de tudo de sua vontade, de seus interesses. Ele sabe que não tem domínio sobre a totalidade do tempo e das experiências, mas se esforça para tentar dar conta de lembrar-se do que aconteceu, e nessa atividade ele opera em uma construção da verdade. Acredito que seja impossível encontrar um narrador que não tente driblar, enganar o pesquisador, ele é agente, sabe que é necessário ao outro, e que a escrita que está *porvir* também depende dele.

Sempre em cada entrevista procurei perceber o colaborador como um poeta, o poeta é um sujeito que diz, que possui autoridade sobre a palavra e tem, portanto, consciência do que está dizendo, e mais ainda, tal qual o poeta, o narrador também, mede, pensa, articula suas palavras de maneira lógica e simétricas. A narrativa oral só é possível através de um processo de criação em que elementos do passado e do presente dialogam na composição daquilo que se narra, ou seja, as experiências do passado. As experiências do sujeito são articuladas de maneira narrativa, de acordo com o presente, na verdade a memória é um movimento que parte do presente em busca do passado, encontrando apenas restos, escombros das experiências devastadas pela força do tempo.

No caminho da pesquisa, existem alguns pontos que carecem de atenção especial. Embora o narrador tenha um desejo de verdade, a sua fala não pode ser entendida como verdade. Aquilo que ele diz é uma construção individual, portanto, perpassada por subjetividades e intencionalidades, a narrativa oral é “totalidade fechada em si mesma” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p, 2000), ou seja, parte de questões que são individuais, limita-se a contar aquilo que se lembra ou aquilo que se

viveu. A narrativa se institui a partir do ato de lembrar, organizando fragmentos de pessoas e de coisas, de acontecimentos e de sentimentos. Além disso, existe uma segunda questão que nos leva a pensar numa impossibilidade da narrativa oral ser compreendida como verdade, ela, de acordo com Durval Muniz (op. Cit., p, 203); “As memórias ainda possuem um nível imaginativo em que se operam a invenção, o desejo, a fantasia”. O que a meu ver não anula em momento algum a sua importância para a compreensão das experiências humanas.

O conhecimento histórico deve, também falar do presente, das maneiras como nos constituímos, nos formamos, inclusive, narrativamente. Dessa forma, a História se abre para novas possibilidades narrativas, em que as temporalidades passam a ser problematizadas a partir dos sujeitos, de suas práticas cotidianas, de seus discursos. Nesse sentido, quando busquei entrevistar sujeitos que trabalharam nos campos e motores de agave em Cubati, ou de alguma maneira, guardam memórias daquela época, operei com um duplo olhar, que percebia, no sujeito, o passado, mas sem perder de vista que são sujeitos do presente, que estão marcados pelos signos da sociedade atual, desse modo, nunca pensei que suas narrativas me dessem a possibilidade de um acesso ao passado, de visualizá-lo como em uma fotografia, eu só teria contato com os fragmentos, com aquilo que já estava envolvido com outras sensibilidades, com outras afecções, no sentido deleuziano.²

Cada entrevista é ainda uma cena, como me referi anteriormente, entendo por cena um cenário onde sujeitos atuam, desempenham seus papéis e criam performances. Nessas cenas eu também me fiz ator. Particpei dos momentos em que esses homens e mulheres puxaram os dias da memória e teceram diante de mim narrativas. Habitei como um velho conhecido as salas, as cozinhas dessas pessoas, particpei como quem partilha a vida. E, confesso, fui envolvido pelas histórias, pelos sentimentos e pelas narrativas que forjavam diante de mim. Quase todas as entrevistas, exceto duas, foram feitas nas casas dos colaboradores, a partir do desejo deles mesmos, fiz-me parte daquele “canto do mundo”, como diz Bachelard, em sua poética do espaço.

Uma série fatores facilitaram o meu acesso a essas pessoas e proporcionaram momentos de um íntimo diálogo. O primeiro deles está ligado diretamente à cidade, Cubati é uma cidade que conta com um número inferior a oito mil habitantes, o que faz com que quase todas as pessoas se conheçam, de uma maneira ou de outros todos se encontram nos espaços públicos da cidade, na Igreja, na praça ou na feira, sempre é possível encontrar, conversar e abraçar pessoas próximas. Um

² Sobre o conceito de afecção, ver a leitura que Gilles Deleuze faz do pensamento de Espinosa.

segundo ponto que considero importante nesse sentido é a própria condição social em Cubati. Filho de agricultores sempre teve contato direto com pessoas ligadas ao meio rural, sempre convivi com pessoas que trabalhavam no campo, minha casa, era um meio caminho entre a “rua” e o sítio, lá muitas pessoas passavam para tomar do café que minha mãe fazia, e eu, menino curioso, sempre ouvia as histórias daquelas pessoas, de certa maneira participei daquilo que não vivi, partilhei de memórias que se cruzavam com minha infância, hoje, na qualidade de estudante e de profissional da educação municipal, acabo por ter um maior conhecimento e uma maior proximidade com as pessoas, geralmente essas pessoas me vêem como uma pessoa estudiosa, envolvida com questões sociais e culturais do município, todas essas questões me deram certo respaldo enquanto pesquisador.

Portanto, as pessoas com quem dialoguei, com quem conversei não eram sujeitos estranhos, muitos faziam inclusive parte de minha existência, de uma maneira ou de outra essas pessoas confiaram em mim, viram em mim uma possibilidade de narrarem suas vidas, de contar quem são, de tecerem suas identidades individuais, entrelaçando-as com um acontecimento que tem incidência coletiva. O termo “entrevista” me parece um tanto inadequado para descrever como se deu a coleta de informações que realizei a cerca do período de produção e comercialização do agave em Cubati, décadas de 1950-1980. Evidentemente, que por se tratar de um trabalho de História Oral, tomei alguns cuidados metodológicos, como por exemplo, elaborar algumas perguntas que deveriam nortear a entrevista, o que é um procedimento comum entre os pesquisadores que utilizam essa metodologia, a entrevista semi. Esses questionários, contudo, foram abandonados na medida em que a minha relação com os colaboradores foi sendo formada, as perguntas que outrora havia feito não condiziam com o percurso narrativo que cada um tomava, os caminhos eram outros, muitas vezes tortuosos e quem eu mesmo não conhecia. As minhas questões pareciam não conhecer o outro, eram minhas, e, portanto interrogavam, questionavam e tinham o desejo de manipular a narrativa do outro.

Assim, não acredito que eu tenha feito entrevistas, acho mais interessante dizer que conversei, que estabeleci diálogos com essas pessoas, e, na medida em que iam narrando, que iam tecendo os fios da memória, perguntas foram surgindo. Criou-se não uma entrevista, mas uma *entre-vista*³, uma troca de olhares, de saberes e de vidas, onde a conversa seguia os caminhos da

³ A ideia de “entre-vista” nomeia uma das, a meu ver, mais importantes contribuições para a discussão do estatuto da História Oral dentro das Ciências Humanas, pressupondo uma troca de relações e um jogo dialógico entre o pesquisador e o que sujeito que colabora com ele, assim, entende-se que não há nenhuma passividade ou desinteresse de ambos os lados.

narrativa. A opção de interagir com o colaborador foi importante na medida em que me possibilitou ter acesso a informações que seriam, possivelmente, cortadas pelas perguntas elaboradas previamente.

Entendo que aquilo que chamam de entrevista é um jogo, onde um tenta descobrir o outro, o pesquisador quer o tempo inteiro decifrar o outro, extrair dele o maior e mais fiel depoimento sobre o passado, do outro lado, o narrador, traça seu próprio caminho, opera através dos desvios, ele não se deixa ser dominado pela autoridade que o outro quer exercer.

a entrevista é um jogo de esconde-esconde entre o historiador e o seu interlocutor. O primeiro, instalado numa posição de inquisidor, se apresenta como “aquele que sabe” ou que saberá, porque sua missão é estabelecer a verdade. O segundo, intimado a fornecer informações que permitirão essa operação, frequentemente é forçado a ficar na defensiva, de tão evidente que é a suspeita do entrevistador, enquanto ele próprio sente que possui a força da convicção “daquele que viveu” (VOLDMAN, 2006, p, 37).

Quando a entrevista se opera a partir de um conjunto de questões elaboradas previamente, creio que se instaura uma tensão entre os dois sujeitos, se estabelece um certo autoritarismo daquele que quer decifrar o outro, extrair dele informações que muitas vezes o sujeito prefere deixar consigo mesmo, ou esconder em sua intimidade. A partir do diálogo percebi que os colaboradores tinham uma liberdade maior de suas narrativas, e na medida em que eu perguntava, as suas memórias me envolviam.

A conversa ao contrário, é uma negociação. Uma relação em que se opera entre o ouvir e o falar. Na conversa não há um que fala e outro que ouve, mas existe uma correlação, uma troca de informações e sentidos, trata-se de uma arte cotidiana. A narração, que se cria a partir dessa conversa se *faz*, produz um *desvio no passado* e produz efeitos, é uma *arte de dizer*, como observa Michel de Certeau (2012, p, 142).

Não foram as raras as vezes que essas pessoas contavam suas histórias e num impulso de si me perguntavam “né?”, isso foi uma coisa que muito me inquietou. Como é que eu que não participei daqueles acontecimentos poderia confirmar as memórias daquelas pessoas? Por que eu era convidado a fornecer um status de verdade a seus discursos? Isso mostra como as pessoas ao narrarem suas memórias a outros, depositam nelas sua confiança. Ao pedir uma confirmação daquilo que foi dito essas pessoas desejavam tanto saber se diziam a verdade como se eu, que escutava atentamente e rabiscava uma folha de papel acreditava nelas.

Outra coisa que foi muito recorrente durante as entrevistas foi a tentativa de aproximação. Geralmente, quando contam histórias de vida os trabalhadores dos campos e motores de agave acabam trazendo outros sujeitos para a narrativa, na medida em que esses outros personagens passam a habitar as lembranças do narrador surge um desejo de reconhecimento, em inúmeras vezes os narradores me questionaram; “você conhece?”, “você deve conhecer”. A meu ver isso está ligado a duas questões. Primeiro, é a já discutida tese da Memória Coletiva, nós nunca estamos só, a narrativa é sempre um laço com o outro, a memória se operacionaliza a partir dos diálogos que constrói com membros de um grupo social ou afetivo. O segundo ponto, que de certa forma, está diretamente ligado à questão da memória coletiva é que citar o outro, referir-se a outros personagens dentro de uma trama de acontecimentos é uma tentativa de legitimar, de fortalecer aquilo que se diz. É como se o outro fosse capaz de atestar a narrativa que se tece naquele momento. Ecléa Bosi (1994), dirá que o sujeito que narra, quer, ao trazer o outro para sua fala, fornecer uma fisionomia aos acontecimentos.

Esse ideia de uma narrativa sempre apoiada no outro é algo bastante interessante, pois mostra que a construção de si, feita pelo ato de narrar, é sempre algo que constrói a partir de encontros, de relações interpessoais e de subjetividades múltiplas. É como se nunca estivéssemos sós, como nos ensina o sociólogo Maurice Halbwachs (2004, p, 30), como nos constituíssemos enquanto sujeitos históricos a partir das pessoas que encontramos e dos afetos que estabelecemos. Não encontrei em nenhum dos colaboradores uma narrativa solitária, era um que falava, mas que trazia para a conversa outros sujeitos, alguns com quem tive a oportunidade de conhecer e conviver, como no caso de Marineide Duval, que tanto falou de seu pai, personagem evocado em sua narrativa como um sujeito singular, uma referência para sua narrativa, na medida em que Marineide falava de “Chicão”, seu pai, eu também era envolvido por sua narrativa, suas memórias, em certo momento se misturavam com as minhas, e por alguns instantes lembrei de meu eu criança, que saía para a “Bodega de Chicão” próxima a minha casa para comprar alguma coisa, lembrei ainda de quão tinha medo da severidade daquele moreno e alto homem, o quanto temia sua voz forte e seu olhar vigilante, suas mãos trêmulas, me causavam medo e curiosidade. Por um momento as memórias e as sensibilidades de Marineide, colega e professora, se entrelaçaram comigo, então pude sentir em mim mesmo que a memória é coletiva, é sempre um laço com o outro.

Realizei entrevistas com homens e mulheres com idade superior a sessenta anos, nem todos estiveram trabalhando diretamente nos motores de agave, mas observaram a “invasão” do agave nas terras cubatienses e tiveram contato com membros da família que viveram aquele trabalho. A

maioria das mulheres eram fibreiras, ou seja, eram encarregadas de cuidar (limpar, lavar, estender e amarrar) as fibras do agave, consideradas como inferiores aos homens, essas mulheres me mostraram que a atividade econômica do agave era também uma grande construtora de barreiras de gênero, no motor de agave “*um homem vale por duas mulheres*”. É comum, nas narrativas dos homens a categorização da mulher como ser inferior. “Ele é definido como forte, corajoso, ativo, inteligente, pensante, enquanto ela é naturalmente fraca, submissa, passiva, complemento do masculino. A mulher é definida por aquilo que o homem não tem, em oposição a ele, como sua sombra” observa Margareth Rago (2014, p, 112), ao pensar o papel da mulher no mundo do trabalho no fim do século XIX e início do XX.

Existe de maneira bastante uma clara diferenciação social (PANZUTTI, 2006) entre os sexos, tal observação me motivou a questionar qual o papel que as mulheres ocupavam no trabalho com o agave. Quais eram seus espaços? Como estas criavam suas subjetividades dentro de um espaço opressivo pela força e pela autoridade masculina? Como é que essas mulheres tiveram seus corpos, suas subjetividades roubadas por uma cultura e por uma prática de trabalho falocêntrica, e muitas vezes misógina. Ser mulher no motor de agave era desafiar a norma, era reinventar-se cotidianamente diante daquele mundo de homens.

Além disso, existia toda uma conduta moral em torno do ser mulher, uma pedagogia dos comportamentos e das condutas. Por ser um trabalho predominantemente masculino, as mulheres que trabalharam no agave eram desqualificadas, tidas como “mulheres erradas”, “mal faladas” por se sujeitarem aquela atividade onde só “tinha macho”. O trabalho também era uma máquina de transformação de identidades, eram, portanto erigidas fronteiras, o trabalho no motor de agave era destinado aos homens, rústicos, embrutecidos pelo trabalho cotidiano. As mulheres, as fibreiras, portanto eram separadas, deveriam realizar suas atividades longe do motor, tendo o mínimo de contato possível como aquele espaço promíscuo e dominado pela força e pelo discurso masculino.

Outro grupo de sujeitos que merece atenção são os “produtores” de agave, estes geralmente tecem suas memórias a partir de uma vitória de si mesmas, em torno de uma ideia de que conseguiram reunir um patrimônio econômico a partir de um esforço pessoal, pouco se referem ao cotidiano dos trabalhadores, às suas angústias, ao trabalho muitas vezes degradante. Eles positivam a cultura do agave, se apropriam o discurso da salvação da agricultura, do progresso e do desenvolvimento econômico. O discurso de quem detém o poder é discurso que ressalta os pontos positivos daquela cultura agrícola, faz um trajeto de sucessos e conquistas.

Um terceiro grupo de pessoas envolvidas com a cultura do agave que poderão ser identificados no decorrer deste texto são os homens, geralmente personagens que trabalharam nos campos e em grande maioria diretamente nos motores, lugar onde o trabalho exigia maior força física. Envolvidos naquela maquinaria produtora de subjetividades, esses homens foram capturados por uma conduta, por um conjunto de discursos que delineariam o que seria *ser homem*. O trabalho nos motores de agave, o convívio diário com outros homens acabavam por construir sujeitos nivelados e marcados pelo embrutecimento e pela aridez, até mesmo de sentimentos.

Embora promova uma discussão a partir dos pontos comuns e divergentes entre as narrativas desses sujeitos, trato-os como narrativas singulares, que falam antes de si do que falar dos outros. São esses personagens que “falam” comigo, que conversam durante a entrevista e continuam a ressoar durante a escrita do texto, eles participam da tessitura deste texto, habitam cada página e são por mim interpretados. Não falam diretamente, são questionados, interpretados de acordo com as necessidades de se escrever uma história dos sujeitos, dos trabalhadores do agave.

Em momento algum quis escrever a “história de Cubati”, creio já ter deixado claro que se trata de um recorte espacial e temporal, claro que se trata de uma parte importante dessa cidade, um pouco da vida de seus moradores e um pouco da própria cidade, do tempo em que “isso tudo era agave”, e olhando de minha porta vejo, isso tudo era agave, agora está se tornando escrita, está se tornando história...

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a história: abordagem de uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: _____. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p. 199-209.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994; _____.

_____. O Narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

PANZUTTI, Nilce da Penha Migueles. **Mulher rural: eminência oculta**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.